



Adeus ao Trotskismo

Karl Jensen

A história do trotskismo, com a derrocada das sociedades capitalistas burocráticas do Leste Europeu e Rússia, chega, sem dúvida, ao seu final. Foi necessário chegarmos ao fim do stalinismo para compreender o caráter do trotskismo e reconhecer que hoje ele não tem mais nenhum papel relevante para a luta de classes e para o marxismo. O fim do stalinismo traz consigo o fim do trotskismo e, simultaneamente, o fim total da matriz ideológica de ambos: o leninismo.

Tal afirmação pode parecer provocativa para os poucos trotskistas (e seus irmãos leninistas e stalinistas) que ainda restam no mundo. O que existe de interessante na obra de Trotsky é sua crítica ao bolchevismo, que se encontra nas suas obras de juventude e que foram repudiadas por ele mesmo. Para os incautos, o trotskismo pode aparecer como uma alternativa ao reformismo e ao stalinismo, mas um estudo aprofundado desta corrente política deixa claro sua incapacidade de superar suas raízes burocráticas e autoritárias, que são as mesmas do stalinismo.

Muitos acreditaram que o trotskismo era a única alternativa ao reformismo e ao stalinismo. Entretanto, a história demonstra que ele, na verdade, é um obstáculo ao desenvolvimento do marxismo e do movimento operário. Os trotskistas e seus simpatizantes devem reconhecer esta verdade. Hoje podemos definir com facilidade o trotskismo, que é um reconhecimento de uma definição anterior fornecida pelos esquerdistas do início do século, e tal definição deixa claro que ele está ultrapassado historicamente.

Leon Trotsky surge como pensador independente na Rússia czarista e logo trava contato com outros famosos representantes do chamado “marxismo russo”, tais como Martov, Plekhânov, Lênin, Alexandra Kollontai, Bukhârin, Preobhajenski, entre outros. Entretanto, a independência política e intelectual de Trotsky evapora-se com a



conquista do poder. Ele passa a se identificar com o estado e torna-se igual ao rei sol: “o estado operário com deformações burocráticas sou eu”. O poder corrompe, diz acertadamente o ditado popular. A “Oposição Operária”, liderada por Alexandra Kollontai, juntamente com outros grupos dissidentes, criticaram o partido e defenderam a autonomia operária. Segundo o biógrafo trotskista de Trotsky, Isaac Deutscher, ele exigia, ao estilo Lênin e aplaudido por este, “disciplina, disciplina e disciplina”. Trotsky combateu os grupos de esquerda dissidentes (“Oposição Operária”, de A. Kollontai; os “Comunistas de Esquerda”, de N. Bukhárin, quando este ainda não havia se tornado direitista; e o grupo “Centralismo Democrático”, também chamado de “Decemista”, de Smirnov e Obolensky) com todas as suas forças. O regime burocrático da Rússia foi construído com a notável participação de Lênin e seus discípulos Stálin e Trotsky. A ambição de Trotsky se curvou diante de Lênin mas não se curvaria diante de um “inferior”, tal como ele considerava Stálin. A “vontade de poder” é que originou a disputa entre Trotsky e Stálin.

Com a vitória de Stálin, criou-se uma cisão no partido. De um lado, Stálin e a direita (Zinoviev, Kamenev, Bukhárin); de outro, Trotsky e seus seguidores, apoiado pela oposição de esquerda que ele mesmo combatiera e enfraquecera. Trotsky devia ter aprendido a lição: os esquerdistas que Lênin criticava nunca abandonaram as massas e os seus princípios e se se quer ficar do lado destas, deve-se, conseqüentemente, ficar do lado dos esquerdistas. Não aprendeu, tanto é que depois criticou os esquerdistas na Espanha, que, aliás, ficaram junto com os trotskistas e anarquistas e foram dizimados pelos fascistas aliados com os stalinistas.

Quando Trotsky se tornou um “profeta banido”, se entregou ao combate do stalinismo. O problema é justamente esse: o trotskismo nasceu e viveu em função do stalinismo. A figura de Stálin passou a ser o anticristo para a religião trotskista. Pior ainda: assim como Cristo é filho e representante de deus na terra, Trotsky é filho e representante de Lênin na terra. Do outro lado, Stálin acusa Trotsky de ser o anticristo,



enquanto que ele seria o verdadeiro representante de Lênin na terra. Stálin é como o papa na idade média: o dono do poder e o carrasco dos infiéis. Trotsky e seus seguidores eram as vítimas, assim como os primeiros cristãos que eram perseguidos por Roma. Esta versão cristã da disputa entre frações da burocracia terminou com a crucificação de Trotsky, assassinado a mando de Stálin... Tanto o stalinismo quanto o trotskismo estavam submetidos ao mesmo universo ideológico: o leninismo. Os erros e os acertos, a verdade e a mentira, não possuem mais como critério a prática, o interesse de classe ou a história e sim a palavra de Lênin. Stálin e Trotsky esqueceram sua “origem comum” e nenhum dos dois poderia realizar a autocrítica radical sem romper com a sua própria prática passada e com suas ideias políticas.

As correntes stalinistas e trotskistas realizavam a acusação mútua de “traidores da revolução”. Em certo sentido, ambas as correntes estavam corretas... Só que, ao invés de dizer “eles”, deveriam dizer “nós”, nós stalinistas, trotskistas e leninistas, traímos a revolução. A “revolução traída” foi “traída” não só por Stálin e seus adeptos, mas por todos os bolcheviques de espírito burocrático, incluindo Lênin, Trotsky e todos os outros, com exceção dos grupos dissidentes. Se ao invés de Stálin, fosse Trotsky que assumisse o poder, qual seria a diferença? Do ponto de vista da personalidade, Trotsky era tão autoritário quanto Stálin. Do ponto de vista da concepção política, Trotsky era tão burocrata quanto Stálin (antes da morte de Lênin, Stálin chamou Trotsky de “pai dos burocratas” e basta lembrar a tese trotskista da “militarização dos sindicatos” para ver isto). Do ponto de vista histórico-concreto, que é o elemento mais importante numa análise marxista, as relações de produção estavam totalmente burocratizadas e o estado ao invés de ser destruído foi reforçado. A disputa pelo poder foi, no final das contas, uma luta de frações da burocracia que queriam para si a máquina do estado. Se Trotsky quisesse algo que não o poder, deveria ter se dirigido àqueles que poderiam destruir o poder: os trabalhadores. Convencer burocratas com discurso burocrata é tarefa de burocratas e significa ficar no mundo autossuficiente da burocracia.



Portanto, o trotskismo tinha a mesma matriz ideológica que o stalinismo, vivia em função dele e possuía a mesma origem, prática e interesse. O trotskismo sempre foi uma crítica ao stalinismo e nunca uma crítica à sociedade soviética. Esta só era criticada nos seus “elementos stalinistas”, ou seja, na superestrutura, o resto, a base econômica, era “socialista”. Bastava uma “revolução política” para substituir a superestrutura não-socialista (stalinista) por uma socialista (trotskista, evidentemente). Basta trocar os indivíduos no poder, stalinistas por trotskistas, e tudo estará resolvido. Este tipo de explicação é simplesmente antimarxista. A teoria marxista do estado e do poder é simplesmente abandonada em favor de um voluntarismo e idealismo que oculta o caráter de classe de tais formulações através da utilização de expressões marxistas deformadas.

Com essas considerações descobrimos qual é o caráter do trotskismo, ou seja, o que é o trotskismo. Só após a derrocada final do stalinismo que se torna visível para amplas parcelas da população esta verdade óbvia: o trotskismo é o alter-ego do stalinismo. E como o stalinismo é uma ideologia da burocracia, então o trotskismo também é. A luta do trotskismo contra o stalinismo não é uma luta pela transformação social e sim pelo poder, os trotskistas, tal como Trotsky, odeiam o poder por que o querem e por isso não combatem o poder em si e sim quem o detém. Freud já havia explicado que a relação do indivíduo com a autoridade é um misto de amor e ódio. O indivíduo ama a autoridade por que quer ser igual a ela, quer ter o seu poder. Mas, ao mesmo tempo, a odeia, pois a inveja e quer substituí-la. Amor e ódio contra a autoridade é típico daqueles que possuem sede de poder. Aos que querem destruir o poder, a autoridade é simplesmente desprezada ou então combatida, sem querer substituí-la e sem reverenciá-la. Eis o que o trotskismo não pode fazer e isto graças à sua vontade de poder.

Se o trotskismo é o “outro eu” do stalinismo, então a morte do stalinismo leva fatalmente à morte do trotskismo. É claro que ainda existem resquícios de leninismo,



stalinismo e trotskismo pelo mundo afora, mas já não possuem a mesma importância histórica e política que tinha antes da queda do muro de Berlim. A base material do bolchevismo, a burocracia, continua existindo, mas sua influência junto às massas já não é a mesma e suas possibilidades de crescimento também não. Isto, entretanto, nos abre uma questão mais séria: como fica, nesta situação, o marxismo? O leninismo e o stalinismo estão agonizantes e o trotskismo perdeu o sentido, mas resta tratarmos do marxismo.

A superação destas correntes (que podem ser reunidas numa única expressão: bolchevismo) abre novas perspectivas para o marxismo. Em primeiro lugar, a primeira geração de marxistas (com exceção de Rosa Luxemburgo e mais alguns poucos) tinham uma péssima formação teórica. O “marxismo” de Kautsky, Lênin, Stálin, Bukhárin, Trotsky, para citar os mais renomados, era positivista e cientificista. A segunda geração, “bolchevizada”, “sovietizada” ou “trotskizada”, também. Em segundo lugar, as estruturas partidárias e sindicais se burocratizaram e se afastaram do movimento vivo das massas, colocando os seus interesses (crescimento eleitoral e/ou organizacional dos partidos; servir aos partidos e/ou ao estado, no caso dos sindicatos) acima dos interesses de classe. Esta é a situação concreta. Como superar isto? Não basta uma volta à Marx, embora isto seja útil, pois é necessário reconstruir a história do marxismo de um ponto de vista de classe, superando tanto Perry Anderson quanto Erich Hobsbawn.

É preciso recuperar os melhores teóricos da revolução proletária (é preciso ler novamente Rosa Luxemburgo, Pannekoek, Gorter, Bordiga, Korsch, A. Kollontai, entre outros). É preciso realizar um debate crítico com todas as correntes filosóficas, científicas e políticas do mundo contemporâneo. É preciso atualizar o marxismo tratando de questões pouco ou mal abordadas pela teoria marxista, tais como a questão da burocracia, da ética, da psicanálise, da autogestão, da organização revolucionária, do meio ambiente, da sexualidade, etc. É preciso dialogar com o “marxismo ocidental” e vê-lo como expressão de questões específicas das sociedades altamente desenvolvidas



da Europa ocidental. É preciso dialogar com o anarquismo, o ecologismo, o feminismo. É preciso reavaliar o atual estágio de desenvolvimento do capitalismo e estudar a realidade concreta de cada país e sua relação com o capitalismo mundial, tratando também da questão do imperialismo. É necessário compreender as formas de corrupção dos movimentos sociais e elaborar mecanismos de autoproteção contra a deformação dos grupos de esquerda. É necessário elaborar novas estratégias políticas. É necessário se unir ao movimento vivo das classes exploradas. Enfim, é preciso ousar. A esquerda, que já foi o lugar do novo e da ousadia, se tornou o lugar da acomodação e das velhas fórmulas.

Marx não tinha medo de se envolver na sociedade capitalista, não tinha medo de mergulhar nas suas águas sujas, não tinha medo de desafiá-la, nem que por isso tivesse que pagar com a miséria. Marx não tinha medo de ler os burgueses Hegel, Kant, Spinoza, Feuerbach, Comte, Hobbes, Rosseau, Adam Smith, David Ricardo, T. Malthus, etc. Ele não tinha medo por que tinha uma garantia. Esta garantia não era, entretanto, uma doutrina irrefutável, a verdade revelada por Lênin, Trotsky, Mao Tsé-Tung ou Stálin. A sua única garantia era ele próprio. Quando se acredita em si mesmo, nos seus próprios objetivos, na sua própria luta inabalável pela libertação humana, não é preciso fugir do mundo escondendo a cabeça debaixo da areia. Nós não precisamos ser infalíveis, pois, embora isso seja o ideal, não depende só da nossa vontade. Entretanto, ser incorruptível só depende de nós. O nosso objetivo, construir uma sociedade verdadeiramente socialista, nunca pode ser corrompido. E é este o único princípio que deve guiar nossa ação. Quem não cede ao fetiche de uma doutrina e não abre mão de seus objetivos pode fazer autocrítica, superar ideias ultrapassadas, pode desafiar o mundo capitalista. Esta é a única atitude digna de um revolucionário. O servilismo é coisa de escravos. Nós devemos ser revolucionários e para recriarmos o movimento revolucionário devemos começar dizendo: ADEUS AO TROTSKISMO.